



Póster da década de 1930.

## A Insubmissão da Seda

### Uma Leitura de *A Cabaia*, de Deolinda da Conceição

FERNANDA DIAS\*



*Don't tell me women are not the stuff of heroes,  
I alone rode over the East Sea's winds for ten thousand leagues.  
My poetic thoughts ever expand, like a sail between ocean and heaven.  
I dreamed of your three islands, all gems, all dazzling with moonlight.  
I grieve to think of the bronze camels, guardians of China, lost in thorns.  
Ashamed, I have done nothing; not one victory to my name.  
I simply make my war horse sweat. Grieving over my native land  
hurts my heart. So tell me; how can I spend these days here?  
A guest enjoying your spring winds?*

*Sun and moon have no light left, earth is dark;  
Our women's world is sunk so deep, who can help us?  
Jewellery sold to pay this trip across the seas,  
Cut off from my family I leave my native land.  
Unbinding my feet I clean out a thousand years of poison,  
With heated heart arouse all women's spirits.  
Alas, this delicate kerchief here  
Is half stained with blood, and half with tears.*

Qiu Jin, "Capping Rhymes with Sir Shih Ching,  
from Sun's Root Land" (tradução de Zachary Jean Chartkoff).

\* Escritora e artista plástica. Estudou com o Professor Bartolomeu dos Santos, expondo regularmente gravura e pintura. Publicou poesia, contos e tradução em co-autoria com a investigadora Stella Lee. Em 2016 apresentou tese de Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes, especialização em Estudos Culturais, na Universidade do Algarve. A editora Livros do Oriente lançou recentemente o livro de poemas *O Mapa Esquivo*, repositório de imagens da sua vida na cidade.

*Writer and artist. Studied printmaking with Professor Bartolomeu dos Santos, exhibiting art works frequently. Author of poetry and short stories, has translated several Macao authors in co-work with the researcher in literature Stella Lee. In 2016 she presented a Master's thesis in Communication, Culture and Arts at Algarve's University, Portugal. Livros do Oriente published recently the book of poems *O Mapa Esquivo*, memoir of her life in the city.*

#### DEOLINDA DA CONCEIÇÃO, UMA VOZ PORTUGUESA NA CHINA

Deolinda do Carmo Salvado nasceu em Macau no dia 7 de Julho de 1913, filha de António Manuel Salvado, comerciante português radicado em Macau, natural de Medelim, Castelo Branco, e de Áurea Angelina da Cunha Salvado, natural de Macau.

Após estudos no Liceu de Macau, Deolinda casou em Cantão com Luís Gaspar Alves, em Novembro de 1931, e instala-se com o marido na cidade cosmopolita de Xangai, onde residia uma dinâmica e próspera comunidade portuguesa. Apanhados nas malhas da Guerra do Pacífico, mudaram-se para em Hong Kong, onde Deolinda trabalhou como professora e tradutora. Em 1941, durante a ocupação japonesa de Hong Kong vive algum tempo num campo de refugiados.

Só e com dois filhos pequenos, Deolinda acaba por regressar a Macau, onde encontra uma cidade desfigurada pelas terríveis consequências da guerra. A avalanche de refugiados luta pela sobrevivência, e a comunidade solidária tenta sustentar a devastação da fome, apoiando hordas de desalojados à custa de enormes sacrifícios.

Culta e determinada, Deolinda dá aulas de Inglês e Estenografia na Escola Comercial Pedro Nolasco e trabalha como jornalista e secretária da direcção do diário *Notícias de Macau*, fundado em Agosto de 1947. Em Maio de 1948 casa em segundas núpcias com o colega jornalista António Maria da Conceição, passando a usar o nome com que veio a tornar-se conhecida e

## LITERATURA

## LITERATURE

admirada, Deolinda da Conceição. Durante os anos da sua actividade como jornalista, assina artigos de crítica literária e artística, contos, ensaios, crónicas sobre a vida da cidade. É responsável pela “página feminina” do Notícias de Macau, cuja acção cultural e divulgadora foi inestimável contribuindo para atenuar o isolamento das famílias provocado pela distância e pela morosidade dos transportes da época.

Toda a cultura, sensibilidade artística e entendimento da sociedade do seu tempo estavam já patentes nessas páginas. A cidade de Macau teria sido diferente sem a actividade cultural e jornalística desta mulher notável. Diz-se que na sua vida privada enfrentou corajosamente a tendência para o puritanismo ignorante e hábitos seculares de maledicência comuns na sociedade das terras pequenas, agregadas em torno de devoções religiosas mal esclarecidas. Porém, o que prevaleceu foi a elegância da sua postura, a sua presença ímpar na vida cultural da cidade nos anos 50. Ficaram-nos testemunhos irrefutáveis: as suas crónicas jornalísticas, um espólio fotográfico precioso, e o seu talento como contista.

Em 1956 Deolinda pisa o solo da Pátria pela primeira vez, viajando com o marido e o filho do segundo casamento, António Maria da Conceição Júnior, à data com cinco anos de idade. Nos seis meses que permaneceu em Lisboa, a prestigiada Livraria Francisco Franco aceita publicar a colectânea de contos *Cheong-Sam: A Cabaia*; livro que as instituições coloniais em Macau, por inércia ou ignorância, não tinham considerado oportuno publicar. A primeira edição, de 1956, é dada à estampa com prefácio de Afonso Correia e capa de Bernardino de Senna Fernandes, artista macaense radicado em Lisboa.

Regressa a Macau em 1957, já doente. Vem a falecer hospitalizada em Hong Kong, no dia 24 de Maio de 1957. Tinha apenas 43 anos de idade.

Em 1979, por iniciativa do filho, o conceituado artista plástico e investigador António Conceição Júnior, o livro de contos *Cheong-Sam: A Cabaia* é reeditado. Em 1987, o Instituto Cultural de Macau publicou uma nova edição e no ano seguinte é dada à estampa a versão chinesa. Em 2007, o Instituto Internacional de Macau patrocinou uma nova edição da obra.

## DUAS MULHERES, DOIS UNIVERSOS

Os contos de Deolinda da Conceição são muitas vezes analisados à luz da posição da autora em defesa da

condição feminina, da incipiente luta pela emancipação da mulher chinesa contra a ancestral opressão de uma sociedade patriarcal, eivada de superstições, subjugada numa estrutura familiar milenar. Escreve David Brookshaw:

*As suggested by the title, the unifying theme that characterizes all the tales, is the position of women in China and Macau: educated Chinese women, often brought up in urban Western ways, struggling for respect and emancipation in the face of traditional patriarchy in a China that, rather in the manner of Pearl Buck, is often portrayed in quite abstract terms; women of the people struggling against the oppression of grinding poverty or the effects of war, both of which the author had witnessed at close quarters in mainland China and in Macau; and finally women who are often the victims, and sometimes the perpetrators of superstitious beliefs.<sup>1</sup>*

Deolinda da Conceição, mulher esclarecida do seu tempo, não desconhecia certamente factos da vida e obra de Qiu Jin 秋瑾,<sup>2</sup> a primeira feminista da China moderna. Nascida em Xiamen, Fujian, numa família abastada, casada com um alto funcionário, deixa a casa ancestral na aldeia para ir viver com o marido em Pequim. Aí descobre as recepções e festas à ocidental e faz amizades com mulheres chinesas letradas, activas, admiradas, como a poeta Wu Zhiying 吴芝瑛, cujas caligrafias faziam sucesso nos meios cultos da capital.

Cixi 慈禧, a imperatriz reinante, deleitava-se com o seu Palácio de Verão, entre colinas e lagos artificiais, galerias, belvederes e pavilhões no meio de maravilhosos jardins, e até uma réplica de navio em mármore branco, tudo feito e restaurado com fundos desviados do governo. A história da China ensina-nos que os governos corruptos duraram, mas não perduraram. Em 1900, tropas fanáticas ligadas à seita dos Boxeurs marcham sobre a capital. Os residentes estrangeiros refugiam-se no bairro das delegações e na catedral, evento que ficou conhecido como os “Cinquenta e Cinco dias de Pequim”. A família de Qiu Jin foge dos descatos, assim como muitos chineses simpatizantes das ciências e tecnologias do Ocidente. Na sequência das suas ideias inovadoras, no seu anseio por uma nova ordem social, Qiu Jin liga-se aos movimentos republicanos, entrega-se resolutamente à luta contra o governo Imperial, decadente e incapaz.

Em 1904, deixando os filhos com o marido, dedica-se definitivamente à acção clandestina ao lado



Qiu Jin.

## LITERATURA



Wu Zhiying.

dos revolucionários, para grande consternação da família do marido. Passa a ganhar a vida como professora em colégios femininos e em 1906 funda na cidade cosmopolita de Shanghai o jornal *Zhongguo nü bao* 中国女报 (China Women's News), em colaboração com a poeta Xu Zihua 徐自华. Este jornal teve vida breve, pois foi encerrado após o segundo número. Entre várias ações propagandistas, edita ainda um jornal intitulado *Baihua Bao* 白话报, com artigos em chinês vernáculo. Num dos números Qiu Jin publica um manifesto intitulado "Proclamação respeitosa para 200 milhões de mulheres camaradas chinesas" onde denuncia a opressão das mulheres pelo casamento imposto e a crueldade do costume de enfaixar os pés, violências de que ela mesma fora vítima. Oradora eloquente, falava pelos direitos das mulheres subjugadas, reclamava para todas liberdade no casamento, liberdade na educação, abolição da prática dos pés atrofiados. Em 1907 dirigia a "Escola Datong", em Shaoxing, oficialmente para formação de professores de Educação Física e Desporto,

mas que escondia actividade de treino militar para revolucionários, o que não destoava da milenar tradição do ensino das artes marciais.

Em 12 de Julho de 1907, Qiu Jin é presa na escola de raparigas da qual era também directora. Torturada, nega envolvimento com os revolucionários. Qiu Jin escrevera incessantemente, descrevendo a sua vida e as razões da sua revolta. Os juízes entendem esse manifesto como uma confissão e condenam-na antes mesmo de instaurar o processo. Dia 15 de Julho é decapitada na sua aldeia natal, Shanyin. Tinha 31 anos. Imediatamente considerada pelos dissidentes do Império como heroína e mártir, a primeira feminista da China moderna tornou-se o símbolo da independência feminina na China.<sup>3</sup>

Seis anos depois, em Julho de 1913, nasce em Macau Deolinda do Carmo Salvado. Macau é a confluência de dois mundos. Deolinda é portuguesa e em português será a sua escrita, embora alimentada pela fusão cultural de séculos de que nos fala David Brookshaw:

*As a Macanese, and therefore a product herself of the long centuries of fusion, Deolinda had a special sympathy for themes relating to inter-racial love and its effects. Deolinda da Conceição's stories are exemplary tales, which invite us to ponder on the pitfalls of material ambition, even if such aspirations are relatively modest, such as in a little girl's desire for a pretty pair of shoes or a young woman's desire for a jade ring, and to reflect on the determinants of pride and prejudice, such as in the shame felt by a young Eurasian boy at his Chinese mother's behaviour, in a still stratified colonial society.*<sup>4</sup>

## HISTÓRIAS ONDE O REAL NÃO EXCLUI O MARAVILHOSO

Pode uma escrita estar atenta ao horror, muito perto das feridas da alma e do corpo, do desespero dos desalojados e manter ao mesmo tempo uma delicada contenção, um pudor respeitoso? Assim escreve Deolinda: é à guerra e aos atavismos que ela atribui a responsabilidade dos dramas. É aos furacões da história que ela aponta o dedo acusador, e não aos erros e desvarios dos perecíveis, vulneráveis seres que se amalgamam entre a luta pela sobrevivência e a obediência aos padrões culturais velhos de milénios. Lúcida e atenta, dá-nos um olhar sobre

as duas culturas cujo dia a dia partilha: a da Pátria, longe geograficamente, mas interiorizada no culto da língua e dos valores e a da sua naturalidade, o seu local de nascimento, não sendo nela patente nenhum dilema nem conflito emocional entre nacionalidade e naturalidade, antes as duas vertentes se completam na eficácia da sua escrita. Eficácia e verdade, pois não é possível ler estes textos sem que nos evoquem vivências genuínas, sem que nos sejam restituídos lugares reais.

À parte o cenário de guerra, cuja crueldade e cortejo de horrores só se podem intuir pela voz de quem os viveu, sob os dramas humanos ali reconhecemos como num álbum ilustrado cuidadosamente guardado, o que permanece da pacata cidade que foi Macau. Nos recantos que resistiram às mudanças vertiginosas dos anos oitenta e que, hoje residuais, lutam contra a devoradora sanha do tempo, quem leu Deolinda da Conceição, inclina-se, não sem melancolia, perante o virtuosismo de uma escrita tanto mais preciosa quanto rara. Uma escrita que nada deve ao exotismo de pacotilha nem aos recursos de estilo eurocentrista dos textos coloniais.

## CHEONG-SAM, UMA CABAIA NEGRA COM RAMAGENS DE COR

"Tal como aqui as descrevo, as atmosferas e os climas incluem a dimensão física dos fenómenos; inequivocamente, as suas formas de articulação pertencem à esfera da experiência estética. Pertencem, sem dúvida, àquela parte da existência relacionada com a presença, e as suas articulações contam como formas de experiência estética".<sup>5</sup>

Hans Ulrich Gumbrecht,

*Atmosfera, Ambiente, Stimmung.*

O conto "Cheong-Sam" começa com um grito que rompe o silêncio da noite. O grito de um homem que horas antes tinha ouvido serenamente a condenação ao degredo perpétuo. Até agora este grito desgarrado de um homem fechado na cela de uma prisão é o retrato da mais absoluta solidão. Mas essa solidão dura o espaço de três breves linhas. Eis que acorrem os guardas, "e foram dar com ele, de olhar desvairado, olhando fixamente uma parede".<sup>6</sup> É a quarta linha e o primeiro sobressalto para o leitor: pois este "acorrem os guardas" traz uma inusitada carga de solicitude, que não se espera em relação a um degredado que solta um berro no meio da noite. Já se revela, no início deste breve segundo parágrafo,

a originalidade, a fina maestria desta escrita: o fluir da narrativa muda subitamente de atmosfera, em virtude da quase imperceptível tonalidade da narrativa.

O preso olha fixamente a parede onde as sombras de uma árvore próxima desenham figuras grotescas. Conhecemos essas árvores, as grandes banianas de raízes pendentes, conhecemos esses ventos que as fustigam, enchendo a noite de estranhas figuras agitadas. Deolinda, que concisamente vai desenhar a sua cidade e nela levantar palcos para os seus dramas, já pôs em marcha todo o pulsar da história que nos conta. Na noite cheia de sombras um homem, até então submisso, solta um brado de solidão e horror. Acorrem os carcereiros e falam: "Dorme, A-Chung, e deixa-te dessas coisas. Então tens medo de sombras?"<sup>7</sup>

Porque parecem tão solícitas, quase fraternais, estas palavras na boca de um guarda? Revelam já outro fio condutor de todas as narrativas deste livro: algures no cerne da angústia, um ente compassivo, humano ou mítico, oferece um gesto, uma palavra de apaziguamento ou empatia.

Empatia, ânimo, esperança: "Apresentam-se perante nós como nuances que desafiam nosso poder de discernimento e de descrição, bem como o poder da linguagem para as captar."<sup>8</sup> Algo que desliza silenciosamente sob a trama das dores da vida, e de súbito aflora como um fio de água límpida entre rochedos inóspitos: "Dorme e não tornes a causar-nos aborrecimentos, e, se não puderes dormir, descansa pelo menos e deixa dormir os outros."<sup>9</sup> Dizem os guardas como se falassem a um menino que se portou mal. Por fim o preso aquietou-se, deita-se na tarimba "desenhando com a mão um obrigado de cortesia".

Causará talvez estranheza esta troca de palavras singelas, numa prisão, a meio da noite. Para quem conhece a cidade onde tudo se passa, o que salta aos olhos é a argúcia, a delicadeza de uma escrita que soube captar em tão poucas palavras a mais recôndita alma de um lugar como este, onde todos os possíveis terrores são dobrados da mais intrínseca e inabalável cortesia, venha ela de onde vier. Assim vai ser em todos os contos, realistas, maravilhosos ou fantásticos, as nuances dos sentimentos humanos mais contraditórios vão perpassar nos encontros e desencontros das personagens. E numa trama narrativa toda simples vão aparecer requintadas metáforas. Tal como na cabaia, é de pano singelo o forro do brocado negro lavrado de sumptuosas ramagens.

## LITERATURA

As páginas em que nos são contados os factos que levaram ao degredo o jovem A-Chung detêm-se na paisagem citadina, definindo uma época, desenhando com parcimónia e rigor a cor, os sons, os elos familiares, as nuances do fluir do tempo entretecidas com os sonhos, os trabalhos, as esperanças. As lojas com suas tabuletas pretas com caracteres vermelhos, os pequenos comércios de arroz, de vinho, essa outra maneira oriental de dizer “pão-nosso de cada dia”. Fechadas as lojas, os vizinhos e amigos jogam *ma-cheoc*, trocam confidências estimuladas pela doçura da luz do fim do dia. Os rumores das atrocidades dos invasores já circulam, tingindo de soturnos presságios as esperanças dos mais velhos de casarem os filhos, de os verem prosperar nos negócios que vão herdar. A-Chung, que já maneja destramente o ábaco,

deverá, se o pai faltar, prover o sustento da mãe, das irmãs e das concubinas do pai; quanto à filha única de Tai Sang Leong, deverá casar e dar netos ao pai. De nome Chan Nui, esta menina é bela e ambiciosa. Quer aprender a língua do Novo Mundo, estudar, conhecer outra civilização. Em pouco mais de duas páginas está traçado o esquiço de uma rua da cidade, mas não se trata de uns quantos grafismos, de umas quantas pinceladas de cor local. É a atmosfera ao mesmo tempo intensa e delicada, apenas perceptível, que Deolinda nos apresenta, como uma inestimável dádiva. Porque o enredo, *fait divers* verosímil na época, é ficcional, mas o resto, aquele cristalino, leve modo de dizer **Onde e Como** as criaturas enfrentam o destino, é mais **Real** do que o real. Porque aquela rua com suas tabuletas, ou já não existe, ou é cartaz arrebicado para



o turista fotografar. A escrita de Deolinda, porém, é indelével, mais exacta que pintura, mais perene que as velhas pedras. Hans Ulrich Gumbrecht, citando a escritora Toni Morrison, descreve este fenómeno como “o paradoxo exacto de ser tocado por dentro”. Algo que, na língua portuguesa que Deolinda venerava, mais que um paradoxo é um estado de alma e a poesia subjacente o mais exacto modo de o dizer.

Gumbrecht esclarece, reflectindo sobre os estados de espírito e as atmosferas: “Cada tom que percebemos é, claro, uma forma de realidade física (ainda que invisível) que ‘acontece’ ao nosso corpo e que, ao mesmo tempo, o ‘envolve’”. E comenta:

“No caso, interessava-lhe, estou em crer, uma experiência que fosse comum por todo o mundo: que as atmosferas e os estados de espírito, tal como todos os mais breves e leves encontros entre nossos corpos e seu entorno material, afectam também as nossas mentes; porém, não conseguimos explicar a causalidade (nem, quotidianamente, controlar os seus resultados). Não quero afirmar que compreendo a dinâmica que aqui está em causa, nem sequer que consigo dar dela uma imagem completa.”<sup>10</sup>

Talvez Fernando Pessoa tenha esboçado um pensamento semelhante quando disse: “Também deve haver um sentido para a percepção das emoções – um certo *tacto interior*.” E, algumas linhas depois, completando:

“*Self-consciousness is an epiphenomenon, purely an intellectual faculty, susceptible as such, of degrees. True consciousness is universal, one, simple, indivisible. This world-consciousness is of the peculiar physical composition called a human being and, at the same time, of the objects he perceives (to take an instance from perception).*”<sup>11</sup>

Antes do final dramático do conto, com a morte da jovem esposa às mãos do ensandecido A-Chung, um outro quadro tão real como emblemático nos é dado, quando Chan Mui, na vertigem de uma vida de luxo e dissipação, no âmbito de alguns ambientes no cerne da guerra, esquece momentaneamente a família: “A China ardia ao fogo das batalhas sucessivas, e a sua gente prostrava-se, inanimada, num caos horripilante donde fugira até o sentimento humano”.<sup>12</sup> Agora esposa e mãe, Chan Mui, que fora a rapariga moderna de educação requintada, acusando o marido de cobardia e comodismo porque não reage ao infortúnio, procurara

## LITERATURE

trabalho no salão de dança de um clube nocturno. O marido, acossado pela extrema miséria, pela fome dos filhos, acabara por aceitar. De uma velha cesta de verga, salva dos bens penhorados, é exumada, ilesa, a cabaia elegante que Chan Mui vestira para o jantar de casamento.

As crianças passam a comer o arroz melhorado ganho com as danças e requebros de Chan Mui, agora acompanhante no *dancing*; arroz amargo que para A-Chung tem o sabor da indignidade, o que o faz deitar ao chão os *fai-tchi*, em acessos de rancor e desespero.

Deolinda diz-nos que Chan Mui se habitua ao que no início, relutante, considerara um “círculo de frivolidades”. Os filhos comem bem; o trabalho, que em tempo de paz seria uma indecência para uma mãe de família, torna-se suportável. É então que surge um serviço extra, cuja remuneração lhes permitirá recomeçar um negócio, sair da crise. Para isso Chan Mui deverá acompanhar à cidade próxima um rico negociante, falando a língua estrangeira que ela aprendera. O marido aceita, mas impõe uma condição: a ausência será de três dias e não mais. Três dias serão perdoáveis, espaço de tempo concedido pela virtude da tolerância à vil necessidade. Como nos contos orais, três dias é um tempo mítico, mas muitas vezes o fraco herói prevarica e cai no opróbrio maior: esquece o motivo por que aceitou a tarefa que se propôs. A *atmosfera* exerce o seu poder sobre os sentidos humanos, e sai vitoriosa.

Decorre uma semana e Chan Mui não contou o tempo. Foi preciso conferir confortos, relembrar volúpias que a guerra fizera esquecer: a “cidade vizinha” apesar da guerra, ou talvez por isso, está prenhe de tesouros, jóias, perfumes, cabaia luxuosas, requintados banquetes, vinhos finos. O homem imensamente rico veste bem, é educado e bem parecido... o *clima* tece os seus enredos de sedução. Passou o tempo concedido, e como nos mitos, a prevaricação será punida da mais cruel maneira. Chan Mui, numa manhã, na cama confortável, já fora da legitimidade do tempo concedido, lê no jornal o apelo do marido para que regresse para junto do filho mais novo, gravemente doente.

Chan Mui precipita-se para o barco que a leva de volta à vida real. Esquece os honorários, as jóias, as coisas belas e preciosas que ganhara, as prendas para os filhos. Regressa em alvoroço para constatar que a doença do filho era um pretexto para a fazer regressar.

## LITERATURA

Acusa o marido de a fazer perder uma oportunidade de reconquistar a esperança na prosperidade. Mas A-Chung já não ouve. Ele esteve sempre com os filhos no cubículo infecto. Não sentiu na pele, não foi “tocado por dentro” pela perdição. E é A-Chung, isento de ambição, não corrompido pelo luxo, quem no delírio da sua virtude masculina vilipendiada, é possuído pelo demónio. Chan Mui morre sob os golpes do cutelo de cozinha, manejado cegamente pelas forças demoníacas que se apossaram do pacífico A-Chung.

Entregues as crianças ao orfanato, o pai entrega-se à justiça, taciturno. Condenado ao degredo, verá nas sombras das árvores reflectidas na parede da cela, as ramagens da cabaia fatídica. A mente humana interfere poderosamente com o real; sobre a matéria pinta incessantemente as suas alucinadas paisagens interiores.



## O OBJECTO DE DESEJO, CHAVE PARA AS METAMORFOSES

Uma peça de vestuário dá o nome ao livro de Deolinda da Conceição e ao primeiro dos vinte e sete contos que dele fazem parte.

O papel desse ícone da elegância feminina oriental no enredo do conto poderia ser interpretado, numa primeira leitura, como uma metáfora da vaidade frívola, quiçá pecaminosa, da personagem central, Chan Nui. A jovem, que fizera os seus estudos no Novo Mundo, por um trapo frívolo trilharia o caminho da perdição que leva fatalmente ao drama. Ler assim seria não estar atento ao uso subtil que Deolinda faz dos objectos-chave em volta dos quais a narrativa se desenrola, atribuindo-lhes sempre um duplo valor, complementar – pessoal e universal; intimista e social. Isso se passa com a cabaia do conto do mesmo nome e noutros contos, como por exemplo o anel de jade no conto do mesmo nome, (p. 55) como as “jardas de tule branco” vestido ígneo no conto “O modelo” (p. 71), ou os sapatos de seda bordada do conto “Os sapatinhos bordados da Anui” (p. 63).

Funcionando como cobiçados produtos de luxo, representando ora a vida inacessível dos abastados para as jovens da classe humilde, ou como reminiscências do paraíso perdido para as filhas-família que tudo perderam na guerra, num dado momento da narrativa esses objectos representam, na sua essência, algo mais do que luxo frívolo. Produtos de evolução tecnológica e estética de milénios, ligados indissociavelmente à história cultural da China, carregam marcas da vida feminina, com o seu turbilhão de eras de submissão, lutas, emancipação, regressão. Outros são parte de antiquíssimos arquétipos, inusitados caprichos da natureza, prezados pelo homem desde sempre, como a pérola rara do conto “A pérola claro-escuro” (p. 89), ou objectos de arte, misteriosos pela inexplicável perfeição ou ocultos poderes, como a jarra cor de ervilha do conto “Um feliz achado”, em *Curiosidades de Macau Antiga*, de Luís Gonzaga Gomes.<sup>13</sup> Ícones carregados de sentido como os objectos-chave dos contos orais: a rosa para Bela colhida em casa do Monstro, o sapato de Cinderela, a chave do quarto secreto de Barba Azul, as três cidras do amor no conto do mesmo

Noiva manchu com a sua serviçal. In J. Thomson, *Illustrations of China and its People*, vol. 4 (1874)

## LITERATURE



## LITERATURA

nome, a ave de ouro no conto “O pássaro azul”. Nos contos, segundo Deolinda, coisas comuns elevam-se à qualidade de mágicas pelo poder de provocarem na vida de quem os ambiciona ou possui tempos de rotura, metamorfoses, epifanias que determinam o cerne dramático da narrativa.

## A CABAIA: DE SÍMBOLO DE LIBERDADE A ÍCONE ESTÉTICO

A popularidade da cabaia (*cheong-sam*), durante o período da república da China está ligada aos movimentos de libertação da mulher. Depois da queda da dinastia feudal Qing, jovens chinesas lutaram pela emancipação da mulher, unindo-se contra o papel de submissão que a tradição lhes impunha. Surgiram então alguns movimentos feministas contra a segregação de género do neo-confucionismo. Nessa luta visavam também algumas normas regulamentares da aparência a que eram constrangidas: obrigação da deformação dos pés por meio de ataduras desde a infância; uso de cabeleira longa, um dos estereótipos da beleza oriental; e a proibição de usar a cabaia de uma só peça, vestuário masculino desde a dinastia Han (202 a. C-220 d. C.) até à dinastia Qing (1616-1911).

Durante esse tempo, o vestuário feminino constava de duas peças, e era proibido à mulher o uso de vestes longas como a dos homens, devendo usar blusas e saias. Depois da Revolução de 1911, que provocou a queda da dinastia Qing, a juventude chinesa começou a interessar-se pela cultura e ciência modernas, para o que largamente contribuiu a abertura de vários portos e a cedência de territórios da China a potências ocidentais. Juntamente com as ideias e hábitos das delegações estrangeiras, a crença na igualdade de géneros depressa ganhou adeptas nas jovens estudantes, que se tornaram apaixonadas defensoras dessas reivindicações.

Nos primeiros anos da República, vestir *cheong-sam* tornou-se o símbolo da luta pela igualdade de género. As cores dos tecidos então usados eram preferencialmente sombrias, simbolizando o protesto silencioso desses movimentos feministas. A partir dos anos 30 o uso da cabaia estendeu-se a todas as mulheres da China, independentemente da idade, estado civil ou classe social. Actrizes, cantoras dos clubes nocturnos em voga, mulheres da classe operária, adoptaram os modelos de *cheong-sam*, cujo estilo variava conforme o uso a que se destinavam e as posses das suas utentes. Também o estilo dos vestidos de noite das elegantes ocidentais influenciou certas variantes do modelo padrão da cabaia. O corte largo e recto adaptou-se gradualmente às formas do corpo por meio de sofisticadas pinças, pondo em relevo as curvas femininas, e evoluindo de uniforme revolucionário para símbolo erótico nos célebres salões de baile das noites de Xangai. Surgiram por todo o lado prósperos ateliers de costura especializados.

A cabaia do dia-a-dia evoluiu também, reduzindo o comprimento para a altura do joelho. Mantendo certas características, como o colarinho alto e rígido, os botões de tecido manufacturados em nós tradicionais, variando de laçadas simples a intrincados arabescos, a cabaia tornou-se na indumentária obrigatória em certas solenidades, como os casamentos, por exemplo, até aos dias de hoje. Passou assim de expressão de ideal político a ícone estético da mulher oriental.

Explícitas ou implícitas (reveladas ou secretas) essas imortais figuras habitam ainda a escrita de Deolinda da Conceição. Outras tantas leituras possíveis sobrepostas em finas camadas, como laca translúcida, que conferem a este livro um valor único e intemporal, e fazem destes contos um álbum ilustrado preservando imagens ao mesmo tempo pungentes e delicadas da cidade que foi Macau. **RC**

## LITERATURE

## NOTAS

- |   |   |    |   |
|---|---|----|---|
| 1 | David Brookshaw, <i>Border Gates: Perceptions of China in Modern Portuguese Literature</i> .                      | 8  | Hans Ulrich Gumbrecht, <i>Atmosfera, Ambiente, Stimmung: Sobre um potencial oculto da literatura</i> , p. 12. |
| 2 | Qiu Jin 秋瑾 (8 de Novembro de 1875-15 de Julho de 1907).   | 9  | Deolinda da Conceição, <i>Cheong-Sam: A Cabaia</i> , p.17.  |
| 3 | Danielle Elisseeff, <i>La femme au temps des empereurs de Chine</i> , pp. 294-299.                                | 10 | Hans Ulrich Gumbrecht, <i>Atmosfera, Ambiente, Stimmung: Sobre um potencial oculto da literatura</i> , p. 13. |
| 4 | David Brookshaw, <i>Border Gates: Perceptions of China in Modern Portuguese Literature</i> .                      | 11 | Fernando Pessoa, <i>Textos Filosóficos</i> , vol. 2. Lisboa: Ática, 1968, pp. 187-188.                        |
| 5 | Cf. Hans Ulrich Gumbrecht, <i>Atmosfera, Ambiente, Stimmung: Sobre um potencial oculto da literatura</i> , p. 16. | 12 | Deolinda da Conceição, <i>Cheong-Sam: A Cabaia</i> , p. 23.   |
| 6 | Deolinda da Conceição, <i>Cheong-Sam: A Cabaia</i> , p. 17.   | 13 | Pauzinhos, utensílios de mesa para levar comida à boca.   |
| 7 | <i>Ibidem</i> , p. 17.  | 14 | Luís Gonzaga Gomes, <i>Curiosidades de Macau Antiga</i> , pp. 89, 101.  |

## BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, Rafael Ávila de. *A Influência da Cultura Portuguesa em Macau*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- Brookshaw, David. *Border Gates: Perceptions of China in Modern Portuguese Literature*. Nova Iorque: Edwin Mellen Press, 2002.
- . *Visions of China: Stories from Macau*. Providence, RI / Hong Kong: Gávea Brown / Hong Kong University Press, 2002.
- Conceição, Deolinda da. *Cheong-Sam: A Cabaia*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2007.
- Elisseeff, Danielle. *La femme au temps des empereurs de Chine*. Paris: Stock / Laurence Pernoud, 1988.
- Fernandes, Henrique de Senna. *A Noite Desceu em Dezembro*. Romance – 55 capítulos. *Jornal Ponto Final* (Macau), 2004/2005.
- Gomes, Luís Gonzaga. *Curiosidades de Macau Antiga*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996
- . *Páginas da História de Macau*. Macau: Notícias de Macau, 1966.
- Gumbrecht, Hans Ulrich. *Atmosfera, Ambiente, Stimmung: Sobre um potencial oculto da literatura*. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.